

ANA MARIA: Meu nome é Ana Maria Mota Ribeiro, eu sou professora da Universidade Federal Fluminense e dos anos 80, nos anos 80, final dos anos 70, não no início dos anos 80, eu fui fazer mestrado no CPDA, hoje é o CPDA da Universidade Federal do Rio de Janeiro, (Trecho incompreensível). Na época a gente chamava de UFO porque era um curso que funcionava financiado pela Fundação Ford e que deu uma formação raríssima que era um curso de pós-graduação no Brasil inteiro, mas, sobretudo no Rio de Janeiro, que me deu uma formação marxista. Então a gente praticamente estudou o método, não é? Teve disciplinas assim, uma disciplina inteira sobre o Livro I do Capital, uma outra disciplina só sobre o Livro II, a outra só sobre o Livro III, um semestre inteiro valendo nota enfim, e lá dentro a gente organizou a Apipsa uma associação de pesquisadores sociais em agricultura, também financiada no guarda-chuva da Fundação Ford. A figura da Leonilde que veio de São Paulo e dava uma disciplina para dar sociologia nesse grupo, com esse grupo que era mais ou menos dirigido assim mais por uma presença vigorosa do professor Nelson Delgado na época que era o diretor geral e os professores meio que se aproximavam. O Roberto Moreira dava disciplina do livro O Capital. Isso é importante no relato da minha formação. Ali dentro a gente criou essa Apipsa e a Apipsa a gente começou a fazer seminários uma vez por ano, tinham 02 tipos e um determinado ano eram seminários temáticos, eu sempre fiz durante 75, alguns dos movimentos sociais do campo, orientado desde cedo pela professora Leonilde, muito amiga e parceira. Eu era muito jovem, então a gente era muito parceira. Além disso, havia encontros ali não tão anuais. Um ano ele era temático, do GT que eu me lembro do GT n. 05, Movimentos Sociais no Campo. No ano seguinte, já no 2º ano, ele era regional. Então se encontravam os pesquisadores de todos os reféns diferentes, que eram todos da Região Sudeste, por exemplo, então a gente se reunia na Região Sudeste. De tomos os temas da Região Sudeste, Nordeste, o destaque interesse pelo grupo de Amazônia criado pelo (Trecho incompreensível). Ele resistiu a se constituir em um grupo temático. Ele disse que a Amazônia era ao mesmo tempo, um tema e ao mesmo tema uma região. Eu faço isso, (Trecho incompreensível) até como uma homenagem a Jean e Beth essa resistência. Sempre teve apoio da Ely não é? Ely que está lá?

ENTREVISTADORA: Ely (Trecho incompreensível)?

ANA MARIA: Não, Nery de Rugai não, Ely, lá do CPDA, Ely de Paula não é? E ele vinha (Trecho incompreensível), da minha cabeça o sobre nome dela. Ely lá, Napoleão, acho que Ely Napoleão. E ele então, então era o único que era extraordinário, então se reunia duas vezes por ano, uma vez no ano como regional, uma vez no ano como grupo, como GT não é? O Jembex teve muito

importância nisso e a realmente a Amazônia era uma região geo-política estratégica, por isso região e tema não é? Ah, então esse grupo se reunia e a gente começou a formar pessoa. A Apipsa não trabalhava muito com a ideia de hierarquia. Então a gente começava nesses seminários que a gente se encontrava, esses encontros, desde apresentar o projeto, às vezes monografia da graduação, depois projeto para entrada no mestrado, depois a dissertação do mestrado. Tudo isso era discutido e acompanhado. Então a gente tinha um fórum de discussão permanente que ia formando a gente. Eu fui ali durante o mestrado. Nessa trajetória, a gente se envolveu em algumas pesquisas, e uma delas lançadas pelo Senado, que era coordenada pelo Cândido Boves que se não me engano a Leonildes também. Que gente meio que consagrou essa linha de interesse em movimentos sociais no campo. Num desses (Trecho incompreensível) acho que aconteceu em Botucatu, em São Paulo, com a presença do Manoel da Conceição que tinha acabado de chegar assim, uma característica dos (Trecho incompreensível) é que a gente incluía na agenda como palestrantes. Tanto pesquisadores quanto lideranças do movimento social. Como lideranças do movimento social. Então a gente tinha camponeses, lideranças sindicais, lideranças partidárias e a gente convivia sem as hierarquias fechadas, de ser a graduação, mestrado, doutorado. Os grandes pensadores como Lígia Sigaud, Moacir Palmeira, que sempre foram grande referência para todos nós. Enfim, apareceram nesse barco, Beatriz Heredia, Delma Peçanha Neves. De São Paulo, (Trecho incompreensível) Bastos. A Dona Odete, Maria Nazaré Baldeu Vanderlei, então a gente foi nesse, também, Sérgio Leite. A gente foi criando nessa, Vera Mota Fernandes, A Sônia (Trecho incompreensível), Francisco Carlos.

ENTREVISTADORA: Todo mundo que estuda?

ANA MARIA: Todo mundo que estuda, a gente sempre, mas a gente sempre esteve juntos e claro que isso alinhava. Ao mesmo tempo o interesse acadêmico, interesse de militância, estava surgindo o PT, o Partido dos Trabalhadores estava se formando a CUT, a Regina Novais, o Beto Novais. E o Museu Nacional criou um grupo de... Não, vou chegar lá depois. Esse grupo se reunia então nessa reunião, encontro da Apipsa em , com a presença do Manoel da Conceição em um debate, eu me lembro que eu levantei e fiz uma intervenção. Quem estava assistindo era o Alexis Grécia, que nesse momento era o assessor educacional da Fetaemg dentro de um marco do sindicalismo rural, do Complexo Contag que a gente chama, categoria com prédios Contag criado pelo José Reis de São Paulo não é? Que é uma categoria que tem ânsia significativa, Secretaria singularidade do sindicalismo rural em relação ao sindicalismo urbano que é uma história específica e singular. Então ali, eu fiz um intervenção que não me lembro

exatamente sobre o quê, e o Alexis Grécia estava na plenária, ele era muito amigo da Leonilde, não sei porque os dois são paulistas, se conheceram não sei de onde, de fato foi relatado depois. Quando acabou o encontro, a gente veio embora para casa e tal e duas semanas depois eu recebo um telefonema da Leonilde. O Alexis tinha convidado a Leonilde, que Minas Gerais é um Estado muito grande. E era difícil fazer uma assessoria assim educacional, sindical com uma pessoa só. Ele convidou a Leonilde para ser a parceira dele e a Leonilde que era impensável, ela estava acabando de ter o Marcelo, o neném que ela teve há pouco tempo. Ela não poderia estar envolvida profissionalmente. E eu era professora novata da Universidade Federal Fluminense, recém concursada porque era da colaboradora, ajudei a fundar a DUF na luta sindical da UFF, eu acabei entrando no Departamento com vínculo formal na Universidade Federal Fluminense, departamento de sociologia e metodologia da ciências sociais. Dentro desse departamento como vínculo permanente, eu pude negociar, junto à plenário departamental, eu fui chamada a trabalhar na Fetaemg pelo Alexis Grécia, a Leonilde me convidou porque ela não poderia ir, o Alexis teria dito para ela, isso é uma memória que eu tenho. Não estou me valorizando não. Mas eu teria dito para ela, Leo, e quem é aquela menina, menina é ótimo não é? Agora eu estou velhinha, quem é aquela moça, aquela mulher, seja lá o que for, que levantou e fez tal questão durante a fala do Manoel da Conceição? Eu falei, bom, aquela é a Ana, me orientanda. Ele falou, gostei da intervenção dela, você poderia falar com ela? A Leonildes me procurou, ah não, você aceita? Eu fiquei excitadíssima, adorei a ideia. Eu nessa época já fazia, já estava escrevendo a minha tese de mestrado, já tinha defendido? Não me lembro, acho que sim. E na minha tese de mestrado foi sobre o sindicalismo rural do Norte Fluminense. E eu já tinha trabalhado como assessora sindical educacional do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos.

ENTREVISTADORA: Ah, já tinha feito.

ANA MARIA: Além disso, para fazer a dissertação. A Leo me chamou, eu aceitei na hora e negocieei na plenária do departamento e consegui um afastamento sem ônus pela Universidade, se não me engano. E passei 01 ano lá, eu recebi um pró-labore da federação. Foi isso se eu saí da Universidade, não tinha pró-labore, nunca, eu tive uma remuneração que reduziu mais, eu fiquei morando com uma amiga minha.

ENTREVISTADORA: Lá em Belo Horizonte?

ANA MARIA: Lá em Belo Horizonte e passei a ser assessora sindical adjunta do Lete, a Lete sempre foi o cabeça, o coordenador. Nós dois juntos montamos, pois é, o Alex vai te dar todas as datas porque a minha amnésia geriátrica não da conta, anos 80, início dos anos 80.

Bom, é defendi minha dissertação em 84. Então eu não sei se eu defendi antes ou depois.

ENTREVISTADORA: Foi antes, 83. 84 e 85.

ANA MARIA: Ou 81, 82, foi na época que Tancredo Neves, o Tancredo Neves.

ENTREVISTADOR: Era Governador?

ANA MARIA: Não. O Tancredo Neves, minha assessoria termina quando Tancredo Neves sendo eleito para Presidente da República. Esqueci, esqueci. Então foi 04 anos antes de 89 não é? Que entrou Sarney no lugar dele.

ENTREVISTADORA: Lá para 85 mesmo.

ANA MARIA: Por aí. O complexo Contag, (Trecho incompreensível) deve ter relatado para vocês, é um modelo no qual com a presença forte do Museu Nacional, que não era exatamente para movimento PT mas era assessoria do movimento sindical rural, eles montaram o projeto. Vou tentar ser rápida nesse projeto. É como eu leio, interpreto e foi esse processo. Márcio Palmeiro Grande o cabeça, ele era o assessor educacional da CONTAG. Ligia Sigaud ao lado dele, quer dizer, era um casal juntos nessa época. O Complexo Contag então se explica da seguinte forma, eles interpretavam a partir do 3º congresso da Contag, ficou criada, só havia a figura do assessor jurídico. Ficou criado assim, a figura do assessor educacional. Essa entrada do assessor educacional deu uma qualificação diferente para o Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais e aí começa uma história em separado do movimento urbano. Enquanto o movimento urbano que está renascendo, onde os primeiros novos personagens entram em cena, o Éder Sada é que explica esse processo urbano, ele começa a emergir, ele começa, ele emerge de baixo pra cima destruindo as estruturas sindicais viciadas pela ditadura militar e destruindo e sendo oposição sindical nos sindicatos, nas federações e nas confederações. E abominando a estrutura sindical e era um movimento chamado de cima, movimento de base, de base do sindicato para cima. Enquanto que no meio rural, diferentemente, o Complexo Contag se compunha do quê? De um grupo que veio da Zona da Mata com uma concepção progressista, que toma a direção da Contag dentro da ditadura militar que entra a liderança do José Francisco, importante, urbano também participa, urbano tem vinculações com o PC do B se eu não me engano e um grupo que tem proximidade com o PMDB que na verdade era o MDB na época, era o Movimento Partidário Progressista na ditadura. Lá cria-se, o José Francisco da parte do 3º congresso, eu não sei como é que entra, como é que o Márcio Palmeira chega lá. O fato é que ele chega lá e se constitui, vamos botar uma impessoal, porque eu não vou dar a origem política, a não ser que os autores se retratem, se assumam, mas se constitui um modelo no qual as assessorias vem da área de



ciências sociais, antropologia, fica tudo no Contag, no Museu Nacional e economia, tinha esse Godofredo Garcia que estava no Museu Nacional. O José Sérgio Leite Lopes, também no Museu Nacional e Contag. Beatriz Heredia que dá suporte, orientador Márcio Palmeira e um grupo de orientando dele não é? A partir de cima portanto da Contag, a gente chama de (Trecho incompreensível) Contag faz uma proposta à ação sindical de baixo pra cima, extremamente progressista que supõe uma intervenção avançada para os trabalhadores na base, em outras palavras, uma greve de canavieiros é estruturada, eles mapearam geo estrategicamente, as outras sindicatos dos assalariados, é um modelo sindical que tem ênfase no assalariamento rural e eles estruturaram o modelo para levar à contradição a (Trecho incompreensível) levar à greve. Muito pautado no que? Tanto o grupo do Museu Nacional, começou a mapear o Nordeste. Eles começaram a estudar as feiras nordestinas. As relações, e começam a surgir vários textos clássicos da nossa formação. O Cativo e o Liberto do Afrânio Garcia, os estudos de feiras livres que são feitos na região definindo a posição de trabalhadores assalariados ou não. São Paulo contribui com os bóias-frias que começam a aparecer como organização de estruturação do trabalho assalariado rural. Esses estudos ao lado de, dissertações de mestrado, depois tese de doutorados, mapeiam geo-politicamente a partir do Nordeste, as contradições do capital na agricultura através do complexo industrial da cana, do agro complexo industrial da cana-de-açúcar e portanto, levando as (Trecho incompreensível) às contradições. Isso é feito com base, a Beatriz Heredia faz uma dissertação ou tese que eu não me lembro, sobre Maceió, não é? Planalto, não, a mesma como chama? Esqueci a categoria geográfica, enfim, de Maceió onde tem cana. O Jessé (Trecho incompreensível) foi estudar os canaviais de Pernambuco, mas a área industrial, não (Trecho incompreensível) industrial da cana. A (Trecho incompreensível) Garcia faz uma tese de doutorado, Heleno Cantarino vai para o Estado do Rio de Janeiro. Vai pesquisar os assalariados, a laranja, Itaboraí e faz a biografia do Raimundo que era o dirigente sindical de Itaboraí, não tem sindicato de trabalhadores rurais lá. Itaboraí porque acabou a laranja, acabou a plantação e a agricultura. Então a partir desses estudos, eles vão montando uma forma de assessoria. Então uma coisa que combina academia, custo rigoroso científico que tem titulação, uma especialização, um estudo detido né, que dá suporte à ação sindical que vai formar as grandes greves dos canavieiros. Começam greves locais, depois são greves regionais em todo o Pernambuco e depois pega parte de Pernambuco e Alagoas. Depois pega a região nordeste inteira. Onde a federação era pelega como a gente chamava, a Contag descia e entrava. Onde o sindicato na base, não queria fazer mobilização, o carro com a federação, confederação descia

na base, chamava os trabalhadores para a assembleia, dirigia a assembleia, ou o dirigente sindical saía correndo, ou ele se escondia na casa do fazendeiro.

ENTREVISTADOR: Assim, isso em quais lugares?

ANA MARIA: Isso o Nordeste inteiro.

ENTREVISTADOR: Nordeste.

ANA MARIA: Até conseguirmos fazer, a ser definida precisamente, o Alex (Trecho incompreensível) vai saber tudo isso perfeitamente. A grande greve de canavieiros no Brasil, no Nordeste inteiro. A greve era simultânea, envolvia duas, três federações, um monte de sindicatos coordenados pela Contag. E daí.

ENTREVISTADORA: E políticos intelectuais?

ANA MARIA: Sustentando por trás. Então você tinha uma assessoria educacional que clarifica isso, que está lá no 3º congresso, que é o salto não é? E uma assessoria jurídica. Então a gente baixava no canavial, todos nós que dávamos assessoria nesse modelo. Em todos os sindicatos no Brasil, eu trabalhava no sudeste, no Rio de Janeiro, em Campos. Depois de Campos, eu vim para a Sepag do Rio de Janeiro, junto com o Afrânio. Afrânio teve que sair. Ficamos eu e Afrânio, depois Afrânio saiu, fiquei eu sozinha com a Delma. Depois a Delma saiu e eu entrei. Depois eu saí e Delma ficou. Eliane já tinha saído. E enfim a gente tinha um grupo que apoiava. Cada vez que a gente fazia um trabalho desse, emergia uma questão teórica. Então a minha, como que se fosse meio “encomendado”, o Afrânio Garcia disse para mim assim, você está em Campos Ana? Eu falei assim, tô. Ele pôs lá que numa questão importante, você vai se surpreender. O quê que é? O enquadramento sindical. Uma disputa do sindicato dos usineiros com o sindicato dos trabalhadores rurais. Quem representa os trabalhadores rurais? Eles eram sindicato dos industriários, mas como eram canavieiros, industriários da cana, os usineiros queriam ser os representantes. Então eles estavam em pinimba de discussão de enquadramento sindical, qual é o enquadramento sindical, correto? Disputando o enquadramento sindical, o advogado com advogado, a gente começava o método da luta sindical era assim, começava com uma assembleia no sindicato, depois essa assembleia tirava um pauta. Eu estou confundindo, só que estou meio rápido que eu estou preocupada com a hora dos outros, desculpe, tá? Depois eu prometo que eu converso devagar. A pauta das cláusulas, das negociações coletivas, parou negociação de volta, parou negociação coletiva com o sindicato e nesse modelo do Nordeste, começaram as negociações coletivas de trabalhadores rurais. Primeiro uma região, depois um estado e depois juntam vários estados com a mesma gente, arrepiante, a mesma pauta era, você

não tem noção.

ENTREVISTADORA: E em Minas você levou isso?

ANA MARIA: Levamos, aconteceu também. Como essa pauta era uma pauta que basicamente repetia a legislação trabalhista, uma vez que a legislação trabalhista não era aplicada no campo, essa pauta entrava e ela passava e era apresentada pelos dirigentes sindicais, nós éramos todos *Ghost Writer* sombras das dirigentes sindicais. Aprendemos a ter humildade, aprendemos a escrever sem ser, sem ter autoria, que ser *Ghost Writer*, ser fantasma escritor, botar na mão do dirigente sindical um documento com análise contábil, estatística, econômica, era fundamental. Alterava a qualidade da negociação com os usineiros, sempre um assessor, um economista por exemplo, sempre um contato telefônico na hora da negociação, com alguém que estava catando os dados agregados. Não, não, não, o preço da cana subiu tanto. Não, não, isso aí ele está considerando a cana antes dela perder o teor da sacarose. Mas se demorar o teor de sacarose, cai o preço. Então esse tipo de...

ENTREVISTADORA: Isso era instrumentalizado.

ANA MARIA: Instrumentalizamos com bases, cobrimos a formação e a informação. Muito bem. Esses, esse era oferecido pelos assessores, para os dirigentes através dos assessores. Essa pauta. Essa pauta era comum. Era igualzinha.

ENTREVISTADORA: Aham.

ANA MARIA: Apresentada em todos os sindicatos e os municípios. Era discutida e era aprovada e chama-se isso processo de preparação da greve. Ao mesmo tempo, eram dados cursos de formação de delegados de base. Ou s delegados sindicais. Então a gente dava, legislação trabalhista e história do movimento sindical, história do Brasil, história do capitalismo, história do fim da agricultura.

ENTREVISTADORA: E ajudava a fundar sindicatos também ou não?

ANA MARIA: Não. Isso era a direção que fazia, porque o setor administrativo, a nossa função era mais mobilizadora, formação e mobilização. E quando a gente chegava no período de greve, quer dizer, uma vez que a negociação era estabelecida, as pautas eram aprovadas e cada assembleia, a legislação era praticamente draconiana da ditadura, as pautas aprovadas em cada assembleia, ratificadas com presença de advogado, eventualmente de um testemunho, a gente entrava com o Ministério do Trabalho em conjunto. Aí esse processo era chamado de dissídio coletivo. Uma vez estabelecido o dissídio coletivo, os usineiros não respondiam. Começar o processo de greve. A lei de greve só foi aplicada no Brasil pela Contag. E é uma coisa inédita que ninguém considera isso

historicamente. Então se aplicava a lei de greve. Como pela lei de greve? Todos os sindicatos tinham que responder, sim ou não, tinha um nível de analfabetismo grande, eu me lembro que a gente usava cédulas amarelas e cédulas vermelhas. Amarela representando o pelego que era não à greve, a vermelha representando sim à greve. Bom, todos os assessores sindicais de todo o sindicalismo do Brasil inteiro, de norte a sul, eram chamados para assessorar e os dirigentes sindicais, ligados ao projeto do complexo Contag todos íamos juntos para o Nordeste na época da eclosão da greve. Todos os advogados e assessores também íamos juntos. Então a gente chegava lá no leito do canavial, cheio de jagunço armado, o jagunço ameaçava o trabalhador para não ir para a assembleia do sindicato. O advogado chegava Teje Preso. Chamava junto conosco um representante do Tribunal Regional Eleitoral e um representante Delegado. Desarmávamos os jagunços e assim a gente conseguia fazer a greve. Foi votado por unanimidade, se não me engano, olha, pode ser que por emoção eu tenha falhado a memória, modificado a memória, enfim dirigida de alguma maneira, mas eu acho que não teve nenhuma cédula amarela. Aconteceram 03 vezes esse processo, cada vez mais articulado. Isso virou um modelo de luta assim de greve. Assalariados. A ideia portanto da Contag era exportar esse modelo para os outros sindicatos. Agora, a história da minha dissertação. A história da minha assessoria tem haver com o fato de que tínhamos que implantar uma greve do modelo da greve da Contag.

ENTREVISTADORA: Aí foi implantado aqui no Rio de Janeiro?

ANA MARIA: Aqui no Rio de Janeiro não aconteceu?

ENTREVISTADORA: Não?

ANA MARIA: Não acontecia greve de jeito nenhum, (Trecho incompreensível) informação, fazer dissídio coletivo. Com a questão do enquadramento embarreirava, continuava minha dissertação trata disso.

ENTREVISTADORA: E em Minas?

ANA MARIA: Minas? Está... eu não sei, nesse período eu não sei. Com muita clareza porque é como aconteceu algumas vezes lá.

ENTREVISTADORA: É.

ANA MARIA: Quando eu estive em Minas, é no auge dessas lutas, o André Montalvão é um parceiro do José Francisco e do esquema da Contag.

ENTREVISTADORA: Da Contag.

ANA MARIA: Ele está chamando Alex Grécia. Ele veio de São Paulo, o Alex Grécia me chama.



Então nós tínhamos a função de criar um sistema de mobilização. Eu vou deixar para o Alex esmiuçar isso, vou tentar falar, por favor, não respeitem tanto a minha memória, porque eu não tenho tanta clareza assim. Mas eu perdi um marido, um homem, minha alma gêmea e minha memória ficou bem mais bagunçada. Faz sete anos disso, eu estou bem, eu estou bem. Mas isso realmente afetou minha memória em vários momentos. Então a gente montou uma estrutura de mobilização. Minas Gerais é um país. Várias histórias e várias situações. Nós começamos eu e Alex fizemos um estudo sobre a questão agrária e a questão agrícola. Tínhamos várias frentes de luta. A da resistência na terra dos posseiros. Que estavam no (Trecho incompreensível) e nas terras dos posseiros impactados pelo agro...

ENTREVISTADORA: Negócio?

ANA MARIA: Não. agro, complexo agroindustrial não é? Porque se chamava o negócio.

ENTREVISTADOR: O Jaíba não é? A agroindustrial do Jaíba não é?

ANA MARIA: Jaíba também. Você é de lá não é Tomás? Então tinha a região dos assalariados. Por exemplo, a região de Juiz de Fora que a gente chama de (Trecho incompreensível) que é sul de Minas, é Zona da Mata. O quê que a gente fazia? O André Montalvão ia junto aos sindicatos que não queriam e o Museu e o Alex junto. Para montar essa roda toda para fazer funcionar, eu e Alex criamos uma proposta de chamada de regionalização de organização, assessoria de organização de base. Então nós convocamos, o André Montalvão comprou a nossa proposta financiada com verba da federação. Nós criamos um grupo de orientadores sindicais. Então demarcamos Minas Gerais em cinco regiões. Era enorme mesmo. A gente dava estrutura para esses orientadores, dinheiro, passagem, estadia e duas vezes por ano eles vinham para a sede de Belo Horizonte, apresentavam para a gente os problemas, a gente fazia os encaminhamentos, definia uma pauta de luta comum para estado inteiro e as específicas onde todo mundo apoiava. Tratava das questões em particular e eles voltavam para aplicar. Ao longo do ano, qualquer necessidade emergencial, ou um deles vinha ou fazia contato comigo, eu e Alex mediávamos a relação deles com a Cetag, com a Fetaemg, mas nós éramos os intermediários que articulávamos o território inteiro e sempre ao longo do ano, quando eu ia para um lado, dificilmente o Alex ia junto. A gente se dividia e a gente descia como chamava não é? Descia nas áreas com algum dirigente sindical, para apagar um fogo não sei aonde ou em vários cursos de formação eram dados. Nessa época, a Fetaemg tinha 02 centros de formação, um deles era no Triângulo Mineiro, que era o orientador sindical era o Luiz, não sei aonde que ele está agora, que tinha vindo da CPT do Pará.

ENTREVISTADORA: Luiz o quê?

ANA MARIA: Luiz, o sobrenome dele agora. Esses quadros, na maioria deles vinham da CPT ou vinham de outras experiências sindicais ou partidárias. Era gente que tinha uma vocação, uma opção de encaminhamento da mobilização. Então a gente dava curso para eles de teoria, de pesquisa, dava ferramentas e montava o planejamento estratégico, às vezes era uma semana inteira dentro da Federação trabalhando igual um loucos, depois ele iam embora para área e eventualmente a gente ainda encontrava ou a gente descia na base ATI. Mas assim a gente atendia.

ENTREVISTADORA: Você se lembra de algum caso mais...?

ANA MARIA: Lembro de várias greves, a gente foi pra greve da Zona da Mata, a gente invocou greve na rua com carro da federação, o dirigente sindical se escondeu na casa do prefeito. Não apareceu, a gente abriu o sindicato na marra e fomos com um auto falante, chamar, convocar para uma assembleia em Passos.

ENTREVISTADORA: Passos?

ANA MARIA: Na Região do Triângulo Mineiro a gente fez vários cursos de formação sindical. José Graziano que veio a ser o cara que fez a discussão sobre a modernização conservadora no campo ou que escreveu o que foi do primeiro Grupo Fome Zero do Lula, ele foi dar um curso lá no Triângulo Mineiro.

ENTREVISTADOR: A senhora lembra de alguma intervenção do Ministério do Trabalho no sindicato para tirar, para por o sindicato mais pelego? Se lembra de alguma coisa assim?

ANA MARIA: Lembro. Não, nessa época eles já tinham feito isso. O que eu me lembro de interessante foi Joaquim de Poté, na Região de Poté, que era a região da miséria. Vocês conhecem a história dele.

ENTREVISTADOR: Eu tenho sempre (Trecho incompreensível). Continua, pode avançar.

ANA MARIA: A história do Joaquim de Poté, eu acabei virando assessora eleitoral dele, porque ele se candidatou a deputado pelo PT, eu era assessora dele mas uma coordenadora de campanha. Mas me botou ele batendo perna em vários lugares. O Joaquim de Poté foi preso, escondeu a carta sindical na parede da igreja, estava sendo construída, conhece essa história?

ENTREVISTADORA: Não.

ANA MARIA: A igreja estava em construção, ele botou na parede da igreja, ele tinha uma noiva. Ele ficou preso, aposentou na clandestinidade. Ele volta todo sindicalismo era pelego nesse sentido, porque era, tinha que dar remédio, tinha dentista, cuidava, controlavam escolas que nem

aqui no estado do Rio.

ENTREVISTADORA: Prestava assistência.

ANA MARIA: Era assistencialista. A forma da ditadura entrar aqui no sindicalismo rural foi através do Funrural. A comissão da verdade está deduzindo aqui do Estado do Rio de Janeiro que o índice de violência nacional com os trabalhadores rurais foi muito maior do que com os trabalhadores urbanos...

ENTREVISTADOR: Qual o nome desse Funrural (Trecho incompreensível)?

ANA MARIA: Já, já. Deixa eu acabar o Poté. Ele deixou na parede da igreja. Quando ele voltou, não sei da clandestinidade ou da cadeia., casou, foi na igreja, arreventou a parede, achou a carta sindical. Então era o único sindicato do Brasil durante a ditadura militar que tinha a carta sindical original e não precisou sofrer intervenção.

ENTREVISTADORA: Intervenção.

ANA MARIA: Porque todos os demais perderam a carta sindical.

ENTREVISTADORA: Olha, só, genial.

ANA MARIA: Maravilha. O Funrural o quê que era? Era a estrutura, eu discuto isso na minha tese também, de certa forma. Através do Funrural, enquanto que no meio urbano...

ENTREVISTADOR: Funrural significa o quê?

ANA MARIA: É o Funrural era a política que o Governo tem de previdência privada, é do dinheiro que se dava a um fundo rural que dava direito a você ter remédios, distribuir remédios, escola para crianças, creches algumas vezes, é consultório dentário...

ENTREVISTADORA: Essa verba era repassada através do sindicato?

ANA MARIA: Através das prefeituras que ia para o sindicato e falou diretamente da previdência para o sindicato. Ocupava tanto dirigente sindical que não tinha tempo de tudo, menos de fazer cumprir a legislação trabalhista. Portanto, não precisava ter um advogado. Não tinha assessor jurídico. Não precisava. Se metia em luta, não fazia nada, o negócio dele era contratar médico, contratar dentista, que os caras olhavam para ele, um dirigente sindical com cara de nojo, poxa, (Trecho incompreensível) eu sou um doutor, criava tensões, brigas internas a população, a política de saúde horrível...

ENTREVISTADORA: Isso começa já desde de 64 já?

ANA MARIA: Durante a ditadura militar, não, mas se organiza é melhor à medida que a ditadura se desenvolve. Ela vai sendo, é um projeto estruturado. Só nos impede e impressiona porque no meio urbano por violência sumária, você tirou, prendeu, torturou e botou pra fora, o dirigente

sindical e botou um interventor. No meio rural raramente você (Trecho incompreensível) porque você entupiu de tarefas. Nessas alturas quem ganha a chapa das eleições é um cara que está disposto a ser um bem feitor assistencialista. Então você precisa de dois, três assistentes sociais. Nenhum sociólogo, nenhum economista e nenhum advogado. Você fica, o Ivens fica tão tomado de tarefa e claro que a população com uma quantidade de remédio precária, com um único remédio, com a precariedade de atendimento de saúde na cidade inteira, culpa quem? O dirigente sindical rural. Porque meu filho veio aqui e não foi atendido. Minha mãe passou mal do coração, não tinha remédio para ela, cara, era um furdução em torno do sindicatos dos trabalhadores rurais.

ENTREVISTADORA: E (Trecho incompreensível) com outras coisas, senão, a mobilização.

ANA MARIA: Poucos sindicatos. Então aos poucos a tomada da Contag, acabou filho? Tá, estou indo. Aos poucos a tomada da Contag, por essa nova forma, vai redefinindo as relações e os aliados de José Francisco. Problema no complexo Contag, é que o José Francisco, primeiro de cima pra baixo. Segundo que era um plano que era feito lá e cabia igual em todos os lugares.

ENTREVISTADORA: Esse é o problema.

ANA MARIA: E terceiro lugar, para ele se reconduzir, ser reconduzido na direção da Contag que era essencial para dar certo o projeto, que ele era a única figura de confiança, ideologicamente comprometidas para os trabalhadores, ele tinha que fazer aliança com as federações pelegas. Sobretudo em Santa Catarina do Sul, não por acaso, onde começa a eclodir a luta dos sem-terra que vão romper com a Contag para o 4º congresso. E vão sair porque não querem saber de outros assalariados, luta por direitos. Eles querem luta por terra.

ENTREVISTADORA: Terra. E em Minas você viu, você se recorda de sentir essa diferença? Se tinha gente querendo terra e não querendo saber de direito em alguma região?

ANA MARIA: Não. Tinha a presença dos políticos locais.

ENTREVISTADORA: Se em outras áreas era mais assalariado.

ANA MARIA: Agora, a gente tem um documento para vocês recuperarem, espero que esteja na Fetaemg que eu e o Alex escrevemos, principalmente ele, eu escrevi bem menos, que eu tirei um período de férias, a gente trabalhava muito e tinha um pouco de férias no carnaval. Que a gente ofereceu para servido na frente do Tancredo Neves. Tancredo Neves foi lá na Fetaemg para ouvir os trabalhadores presentes e nós fizemos uma análise da questão agrícola e agária de Minas.

ENTREVISTADOR: Ele (Trecho incompreensível) Governador? Governador, sim.



ANA MARIA: E ele também esteve no 1º Congresso Camponês no Brasil, Tancredo Neves também esteve presente, foi em Belo Horizonte.

ENTREVISTADOR: Aquele de 61?

ANA MARIA: 61.

ENTREVISTADORA: Aqui, esse, você falou de documentos aí da Fetaemg, hoje em dia parece que o acervo da Fetaemg, não existe mais.

ANA MARIA: Ah, não me diga isso.

ENTREVISTADOR: Você sabe alguma coisa desse acervo?

ANA MARIA: Eu não ouvi isso, o Alex Grécia com certeza deve ter guardado porque tinha muita coisa guardada na casa dele. Eu como não era de lá e voltei pro Rio, eu não pude trazer quase nada.

ENTREVISTADOR: Mas você lembra de lá ter um acervo?

ANA MARIA: Não. Eu e ele trabalhávamos com esse acervo, tudo que ele produzia a gente botava lá dentro. Cada orientador sindical tinha uma pasta. Dentro desta pasta, tinha todas as lutas regionais, todos os problemas de cada um dos sindicatos. Tá certo? E esse documento a gente analisa tudo que está acontecendo, fresquinho, no Estado de Minas Gerais, quais são lutas, as demandas e os problemas.

ENTREVISTADORA: E esse documento chegou a ser entregue?

ANA MARIA: Chegou a ser lido, cara tinha mais de 40 paginas e foi lido da 1ª à 40ª página pelo André Montalvão e o Tancredo Neves ouvindo e os trabalhadores em pé.

ENTREVISTADORA: Isso era aonde?

ANA MARIA: Dentro da Fetaemg.

ENTREVISTADORA: Na Fetaemg.

ANA MARIA: A Fetaemg tem um subsolo onde a gente fazia reuniões e os encontros. Era superativo. Eu acabei vindo embora, chamada pela Universidade. O André tentou me levar...

ENTREVISTADORA: E ficou quanto tempo lá?

ANA MARIA: um ano, um ano e meio eu chamo. O André Montalvão tentou me levar para mim ser chamada na época o Governador do Estado, mas a universidade me chamou de volta e eu tive que voltar. Então esse documento vai esclarecer para vocês a conjuntura das lutas que aconteciam lá. Eu tenho certeza que o Alex Grécia tem esse documento.

ENTREVISTADORA: Uhum. A Leonide me passou o contato dele,

ANA MARIA: O que aconteceu no Estado do Rio de Janeiro eu vou ter que ir embora de fato, é

que enquanto a gente tentava enfiar o modelo do Contag, da greve dos (Trecho incompreensível) pela goela, em até a minha dissertação falava sobre isso. Aconteceu que a TV Globo mostrou a Greve de Guariba em São Paulo, em Guariba nasce uma Fearj, uma federação dos assalariados que discorda da proposta de luta sindical por direitos da Contag mas as duas estão no campo da esquerda. Mas aí, o Chiquinho, tem que ser entrevistado porque ele era o assessor de dirigente na época, era um sindicato importante e aqui no Estado Rio de Janeiro, a greve da, de Guariba aparece na TV Globo com um panfletinho, a TV Globo mostra, isso aconteceu no Jornal Nacional, no dia seguinte acho que às 4 horas da manhã, tinham 1.500 trabalhadores na porta do sindicato. Queremos fazer a greve.

ENTREVISTADORA: E como que?

ANA MARIA: A minha dissertação dizia que isso era impossível, porque eu estou arrepiada até agora. Chama-se Carta de Alforria dos trabalhadores rurais de Campos. O congresso (Trecho incompreensível) 24 horas no caso da greve de nordeste, é importante dizer e do Delfim Netto, desceu de helicóptero para negociar. Foi a primeira greve regional legal. Legal dentro da ditadura militar. É (Trecho incompreensível). Já essa do Rio de Janeiro, onde está o Rio de Janeiro, tivemos que telefonar correndo para a Contag para contar que aparecia que era de avião. Ficamos segurando todos os trabalhadores no centro de futebol, estádio de futebol cantando “Cadê a reforma agrária.” Durante até seu Francisco chegar. Subi correndo com o, ai meu Deus do Céu, presidente do sindicato aqui? Ai, ai, o número vai te dizer na hora, fugiu da minha cabeça. Eu trabalhei, fui funcionária dele. Fugiu da minha cabeça. Fui correndo com ele de carro até Campos, chegamos lá o que aconteceu é que eles viram na televisão Guariba e a minha tese era de que era impossível de fazer a greve porque a gente não tinha sustentação. Os trabalhadores com sua magnífica sabedoria, saíram de casa a pé, dos bairros, foram passando, cada um no seu bairro. Nas tendas menores, que tinha o negócio do barracão que você é obrigada a comprar, comida da usina e foram passando nos barracões, nos pequenos comércios e negociando com os pequenos comerciantes se a gente fizer greve? Você me assegura, me alimenta e à minha família o quanto a greve ia durar. E o cara falou, vai embora, mete bronca porque não também não vendia para ele. Nunca admiti que essa aliança era possível. A intelectual catou, tomei uma boa rasteira, feliz. E eles com isso, com esse pacto, entraram dispostos cadê a greve? A gente quer fazer a greve. Com a mesma carta de Alforria, por isso porque tinha o roubo do metro, o roubo da balança, o roubo da vara, igualzinho, (Trecho incompreensível) viu isso, vambora fazer o que eles estão fazendo. Então o método do complexo



I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

Contag não deu certo e a espontaneidade decidiu e fez a greve. Aí passou a ter greve todo ano, todo ano, todos anos. O Garotinhos chegou e cooptou os dirigentes sindicais. Mas enfim, se é uma história e eu gostaria muito da audiência pública.